

2.2. Um esboço de classificação

Considerada em termos intuitivos, a leitura de "incorporação do objeto" ao verbo pode apresentar variações, algumas vezes sutis, dependendo do grau de saliência semântico-pragmática do objeto em questão. Assim, é de se esperar que, mantidas as características gerais desse tipo de construção, anteriormente referidas, certos nomes sejam incorporados mais facilmente, como, por exemplo, os marcados com os traços [- animado] ou [- concreto].

A esse respeito, embora seja prematura qualquer tentativa de tipologia dessas estruturas, é interessante observar algumas diferenças entre elas. Em primeiro lugar, ocorrem-me alguns casos que representam construções mais ou menos consagradas, estereotipadas, muitas das quais devem ser interpretadas metaforicamente. Dentre esses casos, podem-se citar as expressões de "xingamento", tais como:

- (104) Vai { plantar batata!
tomar banho!
chupar prego!
pentear macaco! }

Também ilustram estruturas cristalizadas os seguintes exemplos:

- (105) Pare de catar { piolho!
pulga }! Você vai acabar se dando mal.
- (106) Você deve dar banana para todos eles e tratar de cuidar da sua vida.

(107) Ela deu corda para o vendedor.

(108) "Já que ele não me dá bola, vou partir pra outra."

Penso que, de alguma forma, ainda podem ser incluídas neste grupo as frases abaixo:

(109) O doente deu entrada no hospital ontem.

(110) Ela vive dando mancada!

(111) Ela deu adeus para mim.

Todas elas ilustram expressões mais ou menos consagradas, usuais na língua corrente.

É possível que devam ser relacionadas num segundo tipo de construção de "objeto incorporado" estruturas mais produtivas, isto é, aquelas cujo complemento é menos previsível, menos este reotipado. Em outras palavras, trata-se daqueles casos em que o falante não tem, ao seu dispor, expressões já prontas, das quais possa se apropriar, mas deve, de mesmo, "criar" a construção, dependendo das suas intenções comunicativas, da perspectiva sob a qual deseja apresentar o evento. Como exemplificação, considere-se as seguintes sentenças.

(112) Ele está fazendo pirueta na cozinha.

(113) Esse terreno não é bom para plantar eucalipto.

(114) Ela não demora. Foi só ali na farmácia buscar remédio para você.

(115) Essa água não é própria para fazer comida. Só serve para lavar vasilha.

(116) Ela foi lá para pedir emprego e acabou encontrando um noivo.

Dentre os dados aqui analisados, de orações transitivas menos típicas no que concerne à caracterização do complemento verbal, um provável terceiro grupo seria ilustrado pela frase abaixo:

(117) "Ele fez uso de drogas e bebidas durante muito tempo".

Essa estrutura exemplifica um tipo de fusão verbo/complemento de tal ordem que poderia ser substituída por um único item léxico: usou. Na realidade, em (117), o núcleo do SN objeto é um substantivo que representa uma nominalização do verbo usar e se incorpora ao verbo fazer, cujo significado básico, neste contexto, mostra-se bastante empalidecido.

Outras locuções formadas pela "incorporação de objeto", passíveis de substituição por um verbo cognato do nome complemento, seriam:

(118) "O Lula vai dar apoio às greves? O País vai parar".
(APOIAR)

(119) "(...) o professor entrou, tomou lugar à mesa, sentou-se, tranqüilamente, mais tranqüilamente afastou a bandeja que continha o capim, deu início à aula, prosseguiu nela, deu uma aula brilhante diante da surpresa, pra não dizer estupefação dos estudantes (...)". (INICIAR)¹²

- (120) "(...) antes dela tomar o remédio, não fizeram exame nela pra saber se ela era alérgica (...)?"
(EXAMINAR)
- (121) Ela fez limpeza na casa ontem cedo. (LIMPAR)
- (122) O menino deu chute na parede até cansar. (CHUTAR)
- (123) Ângela fez massagem nas minhas costas. (MASSAGEAR)
- (124) "O Collor de Melo (...) pra mim é continuísmo. Ele é um cara que tá sendo bem produzido... que faz parte do esquemão antigo (...)" (PARTICIPAR)
- (125) "E aí cê tava me falando que teve contato com o Secretário de Saúde de Fortaleza (...)" (CONTATAR)
- (126) "O caso do abacaxi é que me deu coragem de dizer ... não às explorações acontecidas aqui no pensionato." (ENCORAJAR)
- (127) "Você tá é fazendo fofoca." (FOFOCAR)
- (128) "É esse (louco) que ficava tomando banho no pátio."
(BANHAR-SE)

De início verifica-se que há uma "atenuação" do significado básico dos verbos grifados nesses exemplos, sendo que a interpretação principal da expressão fica a cargo do "nome incorporado". Isso verifica-se mesmo com os verbos "de ação". A propósito, constata-se que verbos como fazer e dar, assim como ter e tomar, são muito freqüentes nesse tipo de estrutura.

Por outro lado, reiterando o que vem sendo observado ao longo deste texto, os complementos desses verbos não são percebidos como verdadeiros pacientes, "receptores da ação verbal". Não por

tam os traços, aqui assinalados, dos objetos típicos. Logo, afetam a transitividade global das sentenças em que aparecem.

Ainda seria interessante estabelecer-se um paralelo entre algumas das estruturas apresentadas e as construções "aparentadas" com os verbos cognatos. Compare-se, por exemplo, a sentença (117) com a que segue:

(117) "Ele fez uso de drogas e bebidas durante muito tempo".

(129) Ele usou drogas e bebidas durante muito tempo.

O objeto direto de (129), em (117) é demovido dessa função, aparecendo num caso oblíquo, isto é, regido de preposição (neste dado, SPrep, complemento de uso). O mesmo fato pode ser verificado no confronto das frases (118)-(119) com (130)-(131), respectivamente:

(118) "O Lula vai dar apoio às greves? O País vai parar".

(130) O Lula vai apoiar as greves? (...)

(119) "(...) o professor entrou, tomou lugar à mesa, sentou-se, tranqüilamente, mais tranqüilamente afastou a bandeja que continha o capim, deu início à aula, prosseguiu nela, deu uma aula brilhante diante da surpresa, pra não dizer estupefação dos alunos(...)."

(131) O professor (...) iniciou a aula (...).

Já com relação a (120), (121), (122) e (123), se comparadas com (132), (133), (134) e (135):

(132) (...) não a examinaram pra saber se ela era alérgica (...) ? (ou não examinaram ela)

(133) Ela limpou a casa ontem cedo.

(134) O menino chutou a parede até cansar.

(135) Ângela massageou as minhas costas.

constata-se o seguinte: os pacientes de (132) a (135), nas frases correspondentes (120) a (123), apresentam-se sob a forma de um SPrep, com a interpretação semântica de locativo. Tendo em vista a hierarquia de topicalidade e relevância semântico-pragmática estabelecida por Givón, tal processo representa um rebaixamento do estatuto sintático e funcional dos constituintes em questão (Cf. op. cit., p. 169-170). Conseqüentemente, seria mais um dos fatores que contribuem para um menor grau de transitividade da frase como um todo. Verifica-se, pois, que dos pares acima considerados, as orações de (129) a (135) apresentam um grau de transitividade maior que as suas correspondentes, em que os pacientes aparecem devoídos desse caso.

Sem dúvida alguma, a opção por um ou outro tipo de construção depende da perspectiva em que o falante se coloca diante do evento a relatar, do(s) aspecto(s) que deseja iluminar, destacar e da queles que prefere deixar num segundo plano. Portanto um acontecimento pode ser codificado de diferentes formas, segundo a escolha (consciente, ou não) do falante.

Tendo esses fatos em vista, lembre-se que, com os exemplos de (117) a (128), estamos considerando dados em que a "incorporação" do complemento ao verbo é apresentada de forma tal que a locução

assim constituída é passível de substituição por um único item léxico. Com isso, porém, não queremos afirmar que as orações com "objeto incorporado" e as com "verbo simples" tenham interpretações exatamente equivalentes. Acabamos de verificar as diferenças ocorridas na interpretação do paciente de algumas delas. Vejamos, a seguir, outras distinções relevantes que algumas das sentenças em pauta ilustram.

A entando-se, por exemplo, mais uma vez para (125):

(125) "E aí cê tava me falando que teve contato com o Secretário de Saúde de Fortaleza (...)." (CONTATAR)

percebe-se que, com o uso da expressão (você) teve contato, em vez de contatou, dilui-se o grau de "agentividade", de participação do sujeito na ação referida. Há um maior grau de volição por parte do agente, quando se usa o verbo simples. Nesse caso há a sugestão de que o sujeito é o iniciador/controlador do processo, de que a iniciativa para a efetivação do acontecimento partiu dele. A locução teve contato, ao contrário, pode indicar, inclusive, um acontecimento mais casual, ou não promovido pelo sujeito.

Considerando-se que os agentes mais efetivos (mais conscientes) marcam as estruturas como transitivas mais típicas com referência a esse argumento, também sob essa perspectiva é possível afirmar que (125) porta um menor grau de transitividade.

O mesmo é verdade, também, para outras estruturas já mencionadas, que discutirei a seguir. Antes, porém, desejo ressaltar que as observações que acabei de tecer não devem ser vistas como

generalizações aplicáveis a todos os casos, indistintamente. Scrivem, apenas, de ilustração das diferenças de interpretação constatadas em consonância com as formas variadas de codificação dos eventos.

Apresentado o esclarecimento, voltemos para outros dados semelhantes a (125). Examine-se novamente (128):

(128) "É esse (louco) que ficava tomando banho no pátio."

Essa frase não é exatamente paralela a

(136) É esse (louco) que ficava se banhando no pátio.¹³

Em (136) há a sugestão de uma maior participação/decisão do sujeito com relação à ação expressa que em (128). Nessa atenua-se a leitura de agente por parte do sujeito.

É útil recordar-se que, segundo Hopper e Thompson, cada um dos componentes da noção de transitividade, vista sob a perspectiva escalar, contribui de modo diferente para a transitividade geral da frase. Nos dados em análise, a opção pelo verbo simples ou pela expressão tem implicações para a interpretação semântica do sujeito e da estrutura como um todo. Note-se que, mesmo em exemplos como (117), em que o verbo da locução (fazer) em outros contextos é nitidamente um verbo de ação (o que não ocorre com ter e tomar em (125) e (128), respectivamente), dilui-se a "agentividade", a responsabilidade do sujeito no evento enunciado.

Confirmando, ainda, a diversidade de interpretação dos pares

assinalados, observe-se o exemplo abaixo, colhido em outra parte do texto em que aparece (120):

(137) "... sô de início, quando ainda não tinha examinado a Ana Paula, ela (a médica) me desenganou, mas depois que ela examinou ela tã me dando esperança."

Nessa oração, o primeiro pronome refere-se à médica e o segundo à Ana Paula. Verifica-se que o uso da forma simples do verbo sugere uma ação que parte do agente e se direciona rapidamente para o seu alvo, o paciente, realçando o seu efeito sobre ele, sem se de- ter no evento propriamente dito. Já com referência à locução fazer exame os fatos são outros. Veja-se que, enunciando-se uma frase como "a médica fez exame nela", o objeto incorporado contribui pa- ra dar um "corpo fonológico" maior ao verbo, o que traz como conse- quência um deslocamento da atenção para o ato de examinar em si, que é iluminado num primeiro plano. Simultaneamente, o alvo fica obs- curecido, num segundo plano, demovido a locativo, como já tivemos ocasião de comentar. Se retornarmos o conceito tradicional, segun- do o qual verbos intransitivos são aqueles "que podem conter em si toda a significação do predicado sem acréscimo de objeto" (Kury, 1970:24), verificaremos que as construções de "objeto in- corporado" se aproximam, numa escala de transitividade, das es- truturas intransitivas, na medida em que há uma maior concentração de interesse no evento do que, propriamente, nos participantes.

Parece-me que as observações acima são pertinentes também pa- ra os dados de (117) a (123).

Outros exemplos que servem, ainda, de evidência a favor dos fatos assinalados são:

- (138) "Eu tô tentando ver de uma forma mais globalizante (...) a probabilidade do próprio processo da depressão abrir caminho ou proporcionar ao soma, ao organismo (...) essa dependência."

Esse caso é interessante, na medida em que o falante, após enunciar uma expressão com "objeto incorporado", procura substituí-la por um verbo simples. O efeito da segunda opção é reforçar a interpretação metafórica de causador/controlador do processo enunciado, atribuída ao SN sujeito desta sentença. Com a locução de "objeto incorporado" dá-se menos relevo a essa leitura.

Atente-se, ainda, para:

- (139) "À medida que ele foi crescendo, ele foi partici...
é... começou a .. a tomar contato com a vida política, foi vendo muita injustiça (...)."

A expressão escolhida - (começou a) tomar contato - , em vez do verbo simples partici(pando), sugere que os fatos iam-se apresentando, ocorrendo ao sujeito ("ele"), sem que ele os buscasse, necessariamente. Já a forma simples, participando, denota maior agentividade do SN sujeito, um envolvimento consciente maior.

Finalmente, ainda merece destaque a locução fazer amor em es

truturas do tipo de (140):

(140) Naquele dia, Pedro fez amor com Maria.

Contrastando-se essa oração com

(141) Naquele dia, Pedro amou Maria.

evidencia-se a não-equivalência entre expressões com "objeto incorporado" e frases "aparentadas" com verbos simples. Em (141), o objeto Maria é paciente, na medida em que é o alvo/recebedor do sentimento que parte de Pedro em direção a ele. Essa frase é neutra quanto à co-participação do objeto no sentimento expresso. Isso, porém, não é verdadeiro para (140). Na sentença com a locução fazer amor, o SN Maria é demovido para um caso oblíquo, regido pela preposição com. Perde, portanto, a leitura de paciente, havendo a sugestão de uma co-participação do complemento no ato expresso pela locução. Há um certo grau de "agentividade" na interpretação deste complemento, que nos leva a pensar no "caso associativo", proposto por Givón (1984:113). A interpretação dessa frase aproxima-se da de

(142) Naquele dia, Pedro e Maria fizeram amor.

No entanto, enquanto em (142) o sujeito composto coloca no mesmo nível de importância os dois participantes, em (140) há-se maior relevo a Pedro, sujeito/tópico da estrutura.

Com referência à comparação entre (140) e (141), deve-se ressaltar, também, que a locução fazer amor é marcada para expressar um tipo de amor: o sexual. Já o verbo simples, em (141), é neutro quanto a esse aspecto.

Em resumo, nesta subseção, embora prematuramente, procurei distinguir tipos diferentes da construção com "objeto incorporado". Algumas dessas estruturas, como se viu, são mais estereotipadas, enquanto outras são mais produtivas. Há, ainda, aquelas cujo conjunto verbo/objeto pode ser substituído por um verbo cognato do nome complemento. Muitas delas apresentam um SPrep - complemento do nome objeto - referido ao "nome incorporado", correspondente, nas frases com o verbo simples, ao paciente desta estrutura.

Comentei, ainda, que as formas diversas de codificação do evento refletem diferentes perspectivas sob as quais o falante se coloca, não havendo, assim, verdadeira equivalência entre os pares contrastados.